



a **PAI** *xonado*

JULIA FERNANDES



Copyright© 2020 Julia Fernandes

*Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.
Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são
produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com
nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.*

Todos os direitos reservados.

*São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de
qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível
ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.*

Criado no Brasil.

Atenção, queridos leitores:

Este ebook tem o tamanho de uma novela, com uma história rápida e apenas com um tema central. No final da leitura não o avalie negativamente se o motivo for apenas por ele ser mais curto e não ter o tamanho de um romance.

Tenha uma ótima leitura.



Prólogo

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

a PAI *xonado*

JULIA FERNANDES



Sinopse

Um sentimento surge de maneira natural entre Ricardo e Talita, no entanto, as circunstâncias não permitem que esse sentimento crie força dentro deles, já que Ricardo é viúvo, com uma bebê recém-nascida e Talita é a melhor amiga da sua esposa falecida, além de madrinha da bebê.

Ambos, sem saber o que fazer com a atração que sentem, fogem um do outro antes mesmo que um beijo pudesse acontecer, porém, o destino age e cinco anos depois um reencontro reacende o que estava adormecido.

Dedicado ao pai da minha filha, João Paulo,
que é o melhor pai do mundo.





Prólogo

Chovia muito enquanto eu dirigia apressado em direção ao hospital. Minha esposa grávida de oito meses estava sentada ao meu lado, gemendo de dor e me deixava nervoso como nunca me senti na vida.

O para-brisa do carro não dava conta de limpar a chuva que caía e eu estava ereto no banco para tentar enxergar melhor em meio ao aguaceiro.

Eu estava trêmulo e me sentindo impotente por não conseguir fazer nada para amenizar a dor que ela estava sentindo.

— Fica bem, amor, que estamos chegando. Aguenta firme. — Soltei o volante por um minuto e peguei em sua mão, dando um aperto fraco para que ela soubesse que eu estava com ela, mas ela já não o retribuiu.

Quando parei em frente ao hospital, estacionei freando bruscamente,

dei a volta no carro, correndo e desesperado. Não esperei ser atendido ou alguém ir até o carro buscá-la, peguei a minha esposa no colo e fui indo com ela até a recepção do pronto atendimento que era o mais próximo da minha casa.

Notando meu desespero, a recepcionista chamou a segurança que se apressou em trazer uma cadeira de rodas e uma enfermeira que sumiu com a mulher que eu amava, que já estava desmaiada, hospital adentro, não me deixando passar depois dali.

Foram horas até eu receber a notícia que mudaria e acabaria com a minha vida.

Minha esposa havia morrido de eclampsia e apenas nossa filha havia sobrevivido.

Eu era pai, viúvo e não fazia ideia de como viveria e cuidaria daquela criança sozinho.



Capítulo um

Cinco anos depois

Ricardo

Eu era viúvo há cinco anos e pai de primeira viagem desde então.

Depois que minha esposa Rebeca partiu, tão precocemente, foram momentos difíceis. Minha mãe havia falecido anos antes e eu não tinha ninguém da minha família a quem recorrer quanto a minha filha e também nunca tinha tido contato com bebês, ou seja, eu era mesmo, com toda certeza, um pai de primeira viagem, como dizia o dito popular.

No início foi tudo tão difícil que achei que não fosse conseguir, me cobrava como pai e me perguntava se estava fazendo a coisa certa a cada dia, mas o meu amor pela minha filha me deu forças nos momentos de desespero

e me ensinou que eu sabia sim cuidar dela.

A ajuda da madrinha da minha filha, a Talita, que era a melhor amiga da minha falecida esposa, foi crucial para que eu aguentasse o luto e cuidasse da minha vida. Talita, Rebeca e uma outra amiga que já não morava na mesma cidade que nós, a Marília, eram como irmãs desde a infância e por isso quando Rebeca descobriu que estávamos esperando uma menina, logo disse que se chamaria Talia Maria, em homenagem às duas amigas e convidou Talita para ser madrinha da nossa bebê.

Eu vivia em uma confusão de sentimentos que variavam de gratidão, por minha filha estar bem, e revolta pela partida da minha esposa, no entanto, em vários momentos de angústia eu tinha a Talita, que se fez presente e esteve comigo como uma verdadeira amiga, me ajudando no que eu precisava.

Alguns meses depois, minha vida começou novamente a mudar e deu uma reviravolta, quando o meu relacionamento de amizade com Talita foi se tornando algo mais e um sentimento começou a surgir entre nós.

Lutamos fortemente para que o sentimento fosse apagado dos nossos corações, já que a culpa que carregávamos e a sensação de estar desrespeitando a Rebeca foi maior do que qualquer coisa que pudéssemos sentir.

Passei noites em claro dividido entre o que eu queria e o que eu não deveria fazer.

Eu via que Talita também sofria e enfrentava o mesmo dilema que eu, em uma noite em que ela passou para ver como Talia estava, conversamos de forma superficial e, por respeito à Rebeca, decidimos nos afastar.

Foi o certo a fazer apesar de ter doído em ambos. Nunca assumimos nada ou dissemos algo um ao outro, nossa conversa foi toda nas entrelinhas, mas sabíamos pelas trocas de olhares e pela grande vontade que tínhamos de ficar um perto do outro, que não era mais amizade.

Na semana seguinte, em que ficamos distantes, Talita apareceu com a novidade de que a Marília, a terceira amiga, tinha conseguido um emprego muito bom no estado em que ela morava e com isso Talita teria que se mudar.

Em menos de um mês ela se mudou e na despedida trocamos apenas um abraço apertado, demorado, dolorido e cheio de culpa. Ela não deixou endereço ou telefone que eu pudesse entrar em contato, apenas foi.

Com o tempo, Marília passou a ligar semanalmente para se manter atualizada sobre o crescimento da Talia e fazia perguntas que eu sabia que

quem as estava fazendo era na verdade a Talita. Eu senti vontade de pedir para falar com ela, mas não fiz isso.

Em todas as datas comemorativas Talita mandava um presente com um cartão para a Talia, assinado como fada madrinha e quando Talia foi crescendo ela esperava ansiosamente por cada data para que a fada a mandasse um presente. Às vezes, os presentes chegavam sem data nenhuma, apenas como modo dela dizer que se lembrava da minha filha.

Nunca soube onde Talita morava, a procurei nas redes sociais e não achei. Foi o jeito dela dizer que era melhor não termos contato e eu também pensava que era o melhor mesmo a fazer, porém, eu queria a sua companhia e pedia perdão a Rebeca por isso sempre que desejava a presença da Talita e tinha pensamentos impróprios com ela.

Cinco anos se passaram...

Eu sentia saudade da minha esposa, mas não doía mais como antes, já quanto a Talita... ainda sentia falta da sua companhia e amizade, e nesse caso ainda me doía, pois não tínhamos tido um final e quando eu pensava nela, era como caso inacabado.

Com isso, vivi os últimos anos da minha vida com um sentimento de que me faltava algo e como um eterno pai solteiro, cobiçado pelas mães da escola da Talia, mas nunca me interessei por nenhuma delas e vivi para a minha filha.

Pai solteiro e totalmente perdido novamente, já que no momento, eu estava na primeira semana na nova vizinhança e sem saber por onde começar a organizar a vida nova que estava começando.

Tinha acabado de me mudar, eu era Engenheiro Ambiental, sempre trabalhei para a mesma empresa de tratamento de água da minha cidade, mas fui obrigado a mudar de casa, de cidade e de rotina, quando essa empresa me transferiu de estado e precisei aceitar a transferência ou eu ficaria desempregado, já que a minha antiga cidade era pequena e não tinha muitas opções para a minha área de atuação.

Com isso, ali estava eu: em uma casa nova paga pela empresa, com estabilidade financeira, com muitas caixas para desempacotar e o principal: com a minha filha comigo.

Talia era uma criança esperta, faladeira e alegre, fiz de tudo para que ela não sentisse falta da mãe e eu me orgulhava do meu papel de pai, apesar de lutar com cabelos, porque penteados não era algo que eu fazia com destreza.

Na cidade nova a semana passou voando e só consegui enfim levar a Talia para a escola na sexta-feira. Pensei em deixar que ela faltasse e começasse apenas na segunda, mas sexta era dia de brinquedo e talvez fosse mais fácil para ela interagir com os novos amigos nesse dia.

— Vamos lá, gatinha, primeiro dia na escolinha nova e eu tenho certeza que você vai tirar de letra — falei, enquanto colocava a mochila rosa nas costas da minha filha.

— Não quero ir, papai.

— Você não quer aprender a ler todos os livros que a fada madrinha te deu? — Talia assentiu. — Então você tem que ir para a escola.

Ela me olhou com seus olhinhos castanhos, com cílios pretos e cheios como os da mãe e disse:

— Mas a minha melhor amiga não estará nessa escola.

— Você fará outras.

— Mas não é igual.

— Eu sei, mas essas também serão legais iguais à Maria Manoela — falei o nome da sua melhor amiga, que ela deixou para trás, e Talia me lançou um sorriso apagado.

Sáímos em direção à escola e Talia estudaria não muito longe de onde morávamos, o que era bom, pois eu ainda não tinha comprado um carro e na volta eu poderia aproveitar para fazer uma corrida para me exercitar.



Capítulo dois

Talita

Eu estava atrasada para começar mais um dia de trabalho e com muita pressa saí trancando a casa, correndo para o meu carro e saindo desesperada rumo à escola.

Sabia que naquele dia chegaria uma aluna nova, pois a coordenadora já tinha me avisado por mensagem, e eu não queria passar uma má impressão aos pais.

Dirigi rapidamente e mesmo a escola não sendo muito longe, aquele dia decidi ir de carro por conta do meu atraso.

Eu morava sozinha, pois toda a minha família tinha ficado para trás quando fui embora da cidade onde eu morava, a fim de fugir de um

sentimento impossível que estava brotando como uma erva daninha em meu coração. Eu estava começando a me apaixonar pelo viúvo da minha melhor amiga.

Rebeca, eu e a minha outra amiga Marília, tínhamos sido melhores amigas desde a infância e eu sofri muito com sua partida precoce. Foi uma dor imensurável como se eu estivesse perdendo um pedaço de mim. Entretanto, como ela tinha me escolhido como madrinha da sua bebê eu precisei ser forte e me vi envolta nos cuidados da sua filha Talia, que era a bebê mais linda que eu já tinha visto.

Por ficar tão próxima de Ricardo, o marido da Rebeca, ele acabou se tornando um amigo, nos divertíamos muito juntos e concordávamos com quase tudo. Passávamos noites em claro quando cuidávamos da Talia e essas noites eram regadas a muita conversa e risadas que me deixaram cada vez mais encantada por ele e por seu sorriso lindo.

Depois que notamos que quando estávamos juntos era o ponto alto do nosso dia e que cada vez queríamos ficar mais perto um do outro, notamos também que algo estava diferente e que o vínculo entre nós era mais que apenas uma amizade, sendo assim, decidi me afastar e me senti péssima em pensar que eu podia estar desenvolvendo um sentimento por Ricardo e com isso, estava traindo minha melhor amiga.

Nunca nem um beijo aconteceu entre nós, mas a vontade sim e o sentimento reprimido estava acabando comigo. Decidi pelo certo e passei dias chorando por ter que me distanciar dele e da Talia, porém, a angústia de me sentir roubando a família da minha amiga morta era mais forte do que o sentimento que eu estava começando a ter por Ricardo.

Quando tudo aconteceu, pedi asilo para a Marília que morava em outro estado e ela logo entendeu e me acolheu sem me julgar. Agradei por Marília morar longe, pois ao menos eu tinha para onde fugir.

Por já ter me apegado muito a Talia, a nossa despedida foi horrível. Senti quase que uma dor física e chorei muito, abraçada a bebê que estava aninhada em meu colo, quando a passei para o Ricardo o abraço que trocamos foi silencioso e dolorido, mas necessário.

Depois que cheguei à cidade nova foram noites em claro, chorando e bebendo com a Marília para esquecer tudo que vivi.

Nunca esqueci, mas amenizou a dor.

Marília era uma louca e de tanto me ouvir usar como desculpa que eu apenas ajudava o Ricardo por ele ser um pai de primeira viagem, ela acabou o

apelidando de pai de primeira linhagem, fazendo um trocadilho por ele ser um homem lindo. E realmente era maravilhoso, mas não foi por sua aparência que me apaixonei e sim por seu coração.

Apaixonei...

Mesmo cinco anos depois, quando eu pensava em Ricardo eu ainda me sentia um pouco balançada pelo sentimento que começou a surgir entre nós, mesmo nada tendo acontecido e apenas ter ficado subentendido, entretanto, já não me sentia uma traidora como há anos e entendia que era perfeitamente normal que um sentimento acontecesse. Marília me disse tanto isso que acabei entendendo.

Naquela manhã acordei relembrando insistentemente a minha vida e pensava que era por causa do sonho que tive com a Rebeca, com ela sorrindo para mim e dizendo a frase que sempre me dizia no passado: “Não complica, Talita”. Sorri ao me lembrar da rima, que Rebeca usava para me alertar que eu sempre fazia uma novela de tudo.

Por causa do sonho perdi o sono durante a noite e talvez por isso, perdi a hora pela manhã e me atrasei.

No caminho para a escola dirigi feito uma louca, cheguei no trabalho esbaforida e estacionei o carro de qualquer jeito na primeira vaga que achei.

Corri para a minha sala onde os pais já formavam a fila de sempre, cada um com seu filho. Na escola, a regra era os pais levarem as crianças na porta da sala e na hora da saída também as pegavam no mesmo lugar.

Assim que me viram andar apressada pelo corredor e indo em direção a eles, os pais, que gostavam muito de mim, sorriram.

— Bom dia! Desculpem o atraso, mas a noite foi *looonga* — cumprimentei e bufei divertida.

— Imagina, professora, apenas dois minutinhos — falou a mãe de um dos alunos e eu retribui com um sorriso agradecido.

— Vamos entrar? — falei, olhando para as crianças.

Na porta da minha sala, tinha um cartaz que indicava como seria o cumprimento que cada criança faria para entrar e variava de uma dança, um abraço ou um toque de mão.

Era sempre um momento divertido e a cada criança que parava na minha frente eu ia cumprimentando e indicando a sala para que entrassem, até que a fila foi diminuindo e quando me aproximei da última criança, eu a encarei estranhando aquele rostinho, mas ao mesmo tempo o reconhecendo. Semicerrei os olhos para ela e me lembrei da aluna nova:

— Tenho a impressão de que já te conheço, mas você deve ser a aluna nova? — perguntei, sorrindo e apontando o dedo para a menina que me sorria de volta de maneira tímida.

— Sim — respondeu, com uma voz tímida, que eu achei fofa demais.

Olhei para a menina com cabelos castanhos e lisos, amarrados em duas Marias chiquinhas um pouco tortas, uma de cada lado da sua cabeça e com um sorrisinho lindo em seu rosto que me parecia familiar.

Vi que tinha um adulto nos observando logo atrás dela e imaginei ser seu pai, mas eu sempre deixava que a criança tivesse sua autonomia, então dediquei a minha atenção no primeiro momento apenas para a menina linda à minha frente, sem olhar para o adulto nem uma vez. Eu conversaria com o pai assim que eu fizesse a menina se sentir em casa. Afinal, não era fácil começar em uma escola nova no meio do ano letivo.

Me abaixei na altura dela e falei:

— Olha, aqui antes de entrar a gente escolhe um cumprimento legal.

— Aponte para o cartaz. — Qual você quer fazer comigo? Vi que ela parecia sem jeito, mas escolheu o cumprimento do abraço e eu a abracei.

Então durante o abraço, instintivamente e finalmente olhei sorrindo para o adulto que estava com ela, no entanto, assim que ergui meus olhos o meu coração pulou uma batida e meu sorriso sumiu.

— Ricardo? — perguntei com os olhos arregalados e me separei da menina, a olhei de frente e entre uma cara assustada e um sorriso, perguntei: — Essa é a Talia, a minha afilhada Talia?

— Sim — Ricardo me respondeu, mas me encarava como se não acreditasse que eu estava bem na sua frente.

Me abaixei novamente na altura da menina e falei com os olhos marejados de alegria e com um sorriso enorme no rosto.

— Como você está enorme e linda! — A abracei de novo e dessa vez mais forte.

Me levantei e sem graça encarei o Ricardo, que me olhava como se não acreditasse.

— Você é a professora? — perguntou, em resposta eu assenti e ele me olhou sem saber o que dizer.

— Inacreditável!

Ficamos em silêncio, sem saber como continuar a conversa, até que Ricardo se abaixou e falou para a filha que nos encarava sem entender o que estava acontecendo:

— Filha, sabe a fada madrinha que sempre te manda presentes nos aniversários e datas importantes? — A menina balançou a cabeça em afirmativo e com um sorriso no rosto. — Sua fada madrinha é a sua nova professora.

Vi seus olhinhos brilharem e ela os arregalou, parecendo feliz com a informação.

— Minha professora é a minha fada madrinha? — Ricardo assentiu. — Que legal!

Sorri para ela e me sentia estranha com aquele reencontro, tinha se passado cinco anos em que eu só os tinha visto por foto.

Ricardo ficou de pé novamente e eu o encarei.

— Como você está?

— Bem e você?

— Bem também. — Sorri e passado o contato inicial, começamos a ficar sem jeito um com o outro. — Tenho que entrar para dar aula... é... depois conversamos mais? — Ele assentiu me olhando de modo que eu não sabia decifrar. — Vamos entrar, Talia?

A menina assentiu e já não se sentia tão deslocada como no começo, talvez por me ver como alguém conhecida.

— Você que vem buscá-la? — perguntei, pois não sabia muito sobre ele e nem sabia como tinha ido parar ali na mesma escola que eu, em outro estado e em uma cidade tão grande e distante da nossa antiga.

— Sim, somos apenas eu e ela — respondeu, me olhando nos olhos, como se já me alertasse que ainda não tinha ninguém.

— Então... Até mais tarde.

— Até! Dá tchau para o papai, Talia. — A menina acenou, sorrindo feliz e eu o lancei um sorriso sem graça.

Entrei para começar a aula, mas naquele dia meu coração e minha cabeça vagavam revivendo muitos momentos do passado.

O reencontro fez sentimentos que eu tranquei há tempos começarem a ressurgir e a borbulhar dentro de mim, que até me faziam perder o ar.

Tentei esquecer... tentei, porque me sentia avoada e despreparada para voltar a enfrentar de novo as noites em claro em que eu me dividia entre o que eu queria e o que eu não deveria sentir.



Capítulo três

Ricardo

Voltei para casa andando e anestesiado com o que eu tinha acabado de viver. O meu reencontro com a Talita foi tão repentino e inesperado quanto podia ser. Sorri feito um bobo.

Muitas vezes imaginei como seria quando eu a visse de novo um dia, me perguntava se sentiria o mesmo que senti há anos ou tudo já teria passado, mas percebi que não, não havia passado e estava tudo ali.

Quando me mudei pensei que só estava me afastando ainda mais desse momento, que estava indo para longe dela e até mesmo estava esperando uma ligação da Marília a fim de passar o meu novo endereço para a Talita mandar os presentes da Talia, sem saber que na verdade, eu estava

caminhando em sua direção.

Cheguei em casa e tentei fazer a parte burocrática do meu trabalho. Essa era uma das condições que eu exigia da empresa: que eu tivesse horários flexíveis e que pudesse trabalhar à distância para assim conseguir cuidar da minha filha, então por eu ser um bom funcionário eles me deixavam livre para fazer meu horário, desde que o serviço estivesse em ordem.

Eu sempre havia conseguido seguir a jornada tripla de pai, dono de casa e trabalhador, porém, não foi o que aconteceu naquele dia, fiquei avoado e perdido em pensamentos causados pelo reencontro inesperado, que passei a maior parte do tempo olhando para o nada e decidindo como lidaria com a quarta parte da minha vida que eu tinha deixado de lado por um longo tempo, a parte amorosa.

Minha cabeça estava a mil e sempre que eu tentava focar no relatório que eu estava redigindo, me perdia pensando na Talita e me perguntava como a minha vida tinha se encaminhado para junto da dela de novo, parecia coisa de Deus, do destino ou parecia que estávamos sendo unidos mesmo quando tentávamos nos afastar.

Será que realmente era tão errado quanto eu imaginava que era no passado? Porque naquele momento eu pensava que não.

O que mais me assustava, era que depois de cinco anos eu não me sentia mais tão culpado como no passado e até me sentia tentado a conquistá-la.

No final da tarde, quando me preparei para buscar minha filha, eu me sentia ansioso para saber como Talia tinha se saído no seu primeiro dia na escola nova e também estava ansioso, com um sorriso insistente no rosto, um frenesi no corpo todo e um frio na barriga por rever a Talita.

Assim que os portões da escola se abriram para que os pais pegassem seus filhos, eu me encaminhei a passos rápidos para a sala onde mais cedo tinha deixado a minha Talia e logo avistei uma pequena fila de pais se formando em frente à porta.

Um a um, cada pai foi pegando seus filhos e saíram em seguida, mas quando chegou a minha vez, um tanto sem graça a Talita pediu que eu esperasse um pouco, que ela precisava falar comigo, sendo assim, deixei os outros pais passarem na minha frente, enquanto via a minha Talia andar até mim com um sorriso radiante em seu rosto.

— Papai, a professora fada madrinha é muito legal, meus amiguinhos também e eu amei a escola. — Minha pequena estava animada e seus

olhinhos brilhavam. Pela primeira vez desde que chegamos, eu estava verdadeiramente feliz com a mudança.

— Que ótimo, filha! Quero que me conte tudinho.

— Vou te contar. E, *papi*, já tenho uma melhor amiga, a Sofia.

— Viu, te falei que você faria novas amigas.

Ela balançou a cabecinha em positivo de maneira animada e ficamos esperando a Talita terminar de entregar os alunos para os pais. Até que logo ela nos chamou para entrar na sala e começou a falar:

— A Talia se deu super bem no seu primeiro dia. Já é amiga de todo mundo na sala. — Olhou para a minha filha, que a retribuiu seu sorriso. — Tenho uns recados para te passar que a coordenadora me orientou. — Ela me entregou umas folhas. — Aqui tem alguns materiais que você precisa providenciar, regras, horários e um questionário sobre a saúde da Talia que você precisa preencher com alergias, problemas de saúde, etc. caso tenha. Como ela entrou no final do primeiro semestre, logo entraremos em recesso e na segunda-feira teremos reunião de pais.

— Ah, legal — falei olhando para os papéis.

— Achei ótimo você trazê-la hoje, mesmo sendo sexta-feira.

— Soube que era dia de brinquedo e achei que seria mais fácil ela se enturmar em um dia como esse.

— Foi exatamente o que aconteceu. — Talita sorriu e ficamos em silêncio.

— Papai, eu prometi para a professora fada madrinha que ia mostrar *pra* ela que ainda tenho todos os livros que me deu e pedi para que ela os lesse para mim. Pode ser hoje?

Olhei para a Talita, um tanto sem expressão, porque eu queria que ela fosse em casa e até que tivesse mais contato com a sua afilhada. Contudo, eu não sabia como estava a sua vida pessoal, então falei:

— Sim... seria um prazer e se quiser pode levar outras pessoas. — Mantive tudo em um campo seguro.

— Não tenho outras pessoas... ainda.

Nos encaramos e o seu “ainda” fez um leve aperto passar por meu peito.

Um dia isso aconteceria.

— Então, *Prô*, por favorzinho. Vamos lá em casa? — Minha filha juntou as duas mãos como se estivesse implorando. — O papai faz o jantar. Ele é bom nisso.

Ela sorriu e pareceu em dúvida. Eu queria mais da companhia da Talita também, mas, além disso, eu queria que ela aceitasse, pois eu adoraria que Talia tivesse uma figura feminina para se inspirar.

— Infelizmente hoje tenho compromisso — respondeu, passando a mão carinhosamente no rosto da Talia. — Mas se o seu pai deixar, poderíamos ir ao shopping amanhã. — Ela me olhou como se pedisse permissão e eu encarei seus olhos verdes.

Talita ainda era tão bonita quanto me lembrava. Tinha um sorriso simpático, daqueles que você sente vontade de fazê-la sorrir só para vê-lo. Seus cabelos, ao contrário de cinco anos atrás que eram compridos, naquele momento estavam na altura do ombro, lisos e com uma franja que a deixava com um ar inocente. Seu corpo ainda era perfeito e mesmo estando coberto pelo jaleco de professora, que tinha seu nome bordado no peito, eu ainda assim conseguia ver suas coxas grossas na calça apertada que usava.

— Seria ótimo! A Talia precisa de um pouco de influência feminina e você é a madrinha dela — falei, olhando apenas em seus olhos ou ela notaria que eu estava a desejando.

Nos encaramos por alguns segundos, até que ela quebrou o silêncio:

— Então posso passar para pegá-la por volta das três ou quatro da tarde?

— O horário que for melhor para você.

— Me passa o número do seu telefone para que eu possa te avisar.

Ela me entregou seu aparelho para que eu anotasse o meu número nele e logo o entreguei de volta.

— Ficaremos esperando você ligar.

— Ligarei. — Me encarou com seu sorriso doce e eu estremeci, com a sensação que percorreu meu corpo em resposta a ele. Eu estava sentindo uma espécie de alegria, adrenalina e atração que estava difícil de controlar.

Talia se despediu com um abraço e eu acenei sem graça, dizendo um “até amanhã”.

Na ida a pé até em casa, fui conversando com a minha filha que tagarelava sem parar.

— Eu amei a professora fada madrinha e ela é tão linda, né, papai?

— Sim, linda.

— Acho que vocês podiam namorar.

— E eu acho que você é muito pequenininha para dizer essas coisas.

— Ela riu e mudou de assunto, animada começou a contar sobre os novos

amigos.

Enquanto a minha filha falava, pensei que até ela com sua inocência, via em Talita e em mim um casal. Sorri.

Me lembrei de quando nós dois éramos amigos e de como era divertido, o quanto tínhamos coisas em comum e como era bom pensar em ter aquilo de novo. Com esse pensamento, decidi que o mínimo que eu buscava era ser seu amigo novamente e, com toda certeza, decidi também que o que eu menos queria depois de todos os anos longe, era me afastar de Talita e se fosse para ter algo a mais que amizade, eu estava preparado e em busca para receber todos os bônus que a vida me oferecesse vindos dela.



Capítulo quatro

Talita

Eu não estava conseguindo descrever o meu dia e os meus sentimentos. Ao mesmo tempo que eu estava feliz em reencontrar um grande amigo, eu estava me sentindo confusa e já cogitando uma nova fuga caso tudo se complicasse outra vez.

Eu tentaria com todo o meu coração nos manter apenas como amigos e eu como madrinha da Talia, por outro lado, eu sabia que era inevitável, pois só de revê-lo toda a confusão do passado voltou e meu coração se entregou.

Eu precisava conversar com a minha amiga!

Do caminho liguei para a Marília avisando que eu estava indo para a sua casa e precisava de colo e imediatamente saí da rota de casa e peguei a

estrada para a casa dela.

— O que aconteceu? — Marília perguntou, assim que abriu a porta do seu apartamento para mim.

Ela era muito bonita com seu corpo cheio de curvas e quadril largo, cabelos castanhos quase loiros, encaracolados, que iam até o meio das costas e seu sorriso alegre daqueles que alcançam os olhos.

— Um problema e ao mesmo tempo uma grata surpresa.

— Anda, conte-me tudo — pediu, me levando até o sofá, onde nos sentamos uma de frente para a outra.

— Hoje reencontrei com o Ricardo.

— Que Ricardo?

— O do passado.

— O pai de primeira linhagem? — perguntou com os olhos arregalados e eu sorri para o apelido que ela o deu.

— Ele.

— Como?

Contei tudo sobre o nosso reencontro e o quanto a Talia era uma criança inteligente, faladeira e amável e o quanto tínhamos nos dado bem logo de cara.

— Que linda! Isso é memória afetiva. Tenho certeza que no seu subconsciente, Talia se lembra que você quem cuidou dela como uma mãe, quando ela nasceu.

— Como uma madrinha — corrigi. — Como mãe só a Rebeca cuidaria.

— Tem razão, mas eu vi o seu amor por essa menina e o quanto você sofreu, chorou e se acabou por ter que se separar dela. Na verdade, sempre achei uma besteira essa separação, porque a Rebeca ficaria feliz em ver você e o pai de primeira linhagem juntos.

Fiquei séria.

— Nem cogite isso.

— Por que não?

— Porque não!

— Tudo bem — concordou, sorrindo, como se não acreditasse em mim. — Mas me diga e então amanhã você vai passar à tarde com a Talia.

— Sim — respondi, animada e com um sorriso radiante, porque eu realmente estava feliz em ter contato novamente com a menina.

— E você vai ver o Ricardo?

— Vou, mas terei o menor contato possível, para evitar que cometamos o mesmo erro.

— Sei... — respondeu não me levando a sério.

— Eu estou falando sério, Marília!

— Sim, está. Claro que está, mas quero dizer que acho uma besteira isso. Se vocês fazem bem um para o outro e principalmente para a menina, por que não ficarem juntos?

— Porque eu era amiga da Rebeca.

— Eu também era e por conhecê-la tão bem, por saber o quanto ela amava vocês e o quanto tinha o coração enorme, digo que ela ficaria feliz com essa aproximação.

Fiquei em silêncio pensando no que a Marília disse.

— Talita, me conta, ele ainda é de primeira? — perguntou com o olhar safado e gargalhamos.

— Ai, meu Deus! — Olhei para o céu e continuei a falar: — Sim, deliciosamente de primeira e até arrisco dizer que ele está ainda mais bonito, em forma e com o mesmo sorriso sedutor, alto e seu cabelo está com um corte moderno, sabe? Baixinho dos lados e alto em cima...

— Puta que o pariu! Você está descrevendo um baita gostoso.

Suspirei.

— Sim. Um delicioso pai de primeira linhagem como você diz.

Ela riu alto.

— Então só me resta te desejar boa sorte. — Bufe.

Rimos e Marília nos serviu vinho, depois debatemos mais a minha desgraça, enquanto sorratoriamente ela tentava me dizer que tudo era diferente de cinco anos atrás e me incentivava de maneira discreta a ficar com Ricardo sem culpa.

Marília era a minha melhor amiga e eu a amava do mesmo modo que amei a Rebeca, sabia que se eu estivesse fazendo algo de errado, ela seria a primeira a me dizer e isso me fazia pensar e cogitar a me abrir, apenas um pouco, para as possibilidades.

Acordei animada e mal consegui almoçar. Liguei para o Ricardo e combinamos o horário que eu passaria para pegar minha afilhada.

Comecei a me arrumar e coloquei uma roupa de frio, pois o dia estava gelado por estarmos no inverno e o céu carregado mostrava que logo cairia uma baita chuva. Pensei ter escolhido um péssimo dia para sair com a Talia.

Passei maquiagem, arrumei o cabelo e me perfumei. Tentava mentir

para mim mesma que não estava me arrumando para o Ricardo, mas eu sabia que estava e queria ficar bonita como nunca.

Na garagem, entrei no carro para sair e foi eu colocar a chave no contato que o céu começou a desabar. A chuva que eu suspeitei que fosse cair, caiu fortíssima e como já havia combinado, não queria decepcionar a minha Talia, sendo assim, esperei um pouco para que o aguaceiro diminuísse, até que depois de um tempo, quando vi que não cessava, decidi sair de casa assim mesmo.

Dirigi em meio a uma chuva torrencial, com o para-brisa lutando para limpar os pingos grossos que caíam do céu e vinham bem de frente para mim. Segui devagar para o endereço que o Ricardo havia me passado de olho na estrada e no GPS que me indicava o caminho certo, foi então que depois de uma eternidade, por dirigir devagar, estacionei em frente a um bonito sobrado e peguei meu celular.

— Alô? — Ricardo me atendeu.

— Oi, estou em frente à sua casa, mas a chuva está muito forte, vou esperar aqui até que ela melhore para sairmos.

— Só um minuto que vou te buscar.

Comecei a dizer que não precisava, mas ele desligou. Não demorou nada e Ricardo apareceu no portão, segurando um guarda-chuva preto e vindo em direção ao meu carro. Peguei as minhas coisas e tirei a chave do contato, abri a porta e ele se posicionou ao lado me dando espaço, enquanto cobria a minha cabeça com o guarda-chuva, para que eu não me molhasse.

Tranquei o carro e me virei para ele, ficando de frente e muito perto. Prendi a respiração.

— Vou passar o braço por cima dos seus ombros, para que caibamos aqui em baixo. Fica bem perto de mim para você não se molhar — falou, com seu sorriso lindo nos lábios.

Assenti sem saber o que dizer, juntei meu corpo ao dele e senti seu perfume delicioso, que parecia o mesmo de anos atrás. Ricardo passou seu braço por cima dos meus ombros e me aproximei do seu corpo resistindo à vontade de abraçar sua cintura.

Fomos andando muito próximos até que chegamos à porta da frente, onde tinha uma pequena varanda e podíamos nos abrigar da chuva.

Sacudi os pingos que caíram em cima da minha blusa e bati a mão na minha calça. Apesar do temporal, quase não me molhei.

— Vamos entrar? Talia está muito ansiosa.

— Vamos. Eu também, mas pena que o dia não ajudou.

— Já, já melhora. — Nesse momento um trovão cortou o céu e ele sorriu. — Ou não.

Sequei minhas botas com a toalha que Ricardo me entregou, depois entramos porta adentro.

Assim que me viu, Talia correu em minha direção com os braços abertos e cheia de carinho, como se tivesse contato comigo durante a vida toda.

— Oi, gatinha. Como você está bonita! — A abracei. Ela usava um vestido de veludo e meia-calça branca, com um casaco de linha por cima e estava a coisa mais fofa a não ser pelo cabelo que estava um tanto bagunçado em um rabo de cavalo e eu ri. — Acho que nosso passeio terá que esperar um pouco por causa da chuva.

— Ainda bem, madrinha, porque tenho medo. — Achei a coisa mais fofa ela me chamando de madrinha.

— Então vamos esperar mais um pouquinho e saímos assim que melhorar, tá bom? — Talia assentiu sorrindo.

Nos dirigimos ao sofá da sala, que era ampla e decorada com móveis claros, que demonstravam que tudo estava limpo e arejado.

— Linda sua casa — falei olhando para o Ricardo, a fim de quebrar o silêncio.

— Tecnicamente, a casa é da empresa, mas estou adorando.

Assenti e minha atenção foi tomada por Talia que, animada, falava sem parar sobre suas duas bonecas favoritas, já na minha visão periférica eu notava o olhar de Ricardo em mim.

Tinha se passado quase uma hora e a chuva só engrossava, era perto das seis da noite, estava escurecendo e pensei que estava tarde para que saíssemos. Então pesarosa falei para a menina:

— Talia, e se a gente remarcasse para o próximo final de semana? — Ela fez uma carinha triste e eu completei: — É que acho que a chuva não vai passar e já está ficando tarde.

— Tudo bem — a pequena respondeu e eu encarei seu pai com o coração partido.

— Que tal se pedíssemos uma pizza ou fizéssemos um jantar, aí a Talita podia jantar conosco. — Ricardo me olhou como se esperasse uma resposta positiva e a Talia gritou:

— Sim! E aí posso te mostrar os meus livros e a gente podia ver o

filme da minha princesa favorita.

— Não quero incomodar.

— Não é incômodo — Ricardo se apressou em dizer, com um sorriso no rosto.

— Vem, madrinha!

Talia me pegou pela mão, me puxou sentido à escada que provavelmente levava aos quartos e quando olhei para o Ricardo ele deu de ombros, divertido.

Ficamos um bom tempo em seu quarto, onde a menina me mostrou que tinha todos os presentes que eu enviei durante os cinco anos que ficamos afastadas. Apesar de ter apenas cinco aninhos, Talia falava muito bem, era muito esperta e desenvolta, o que me enchia de orgulho.

— Madrinha, meu papai também me dá muito presente. Ele é o melhor papai do mundo e da galáxia. — Sorri. — Sabia que no dia das mães, ele se vestiu de mamãe para que eu não ficasse sem uma na apresentação da escola? Eu dei muita risada e foi o dia mais legal de todos. Minhas amigas até queriam ter meu pai.

Fiquei emocionada com o quanto o Ricardo supria a falta de uma mãe até nos pequenos detalhes e pisquei para conter as lágrimas, por notar o pai incrível que ele era.

— Que legal, Tatá! — a chamei por um apelido que a fez sorrir. — Eu também queria ter um pai igual ao seu.

Olhei em volta e vi em cima da sua cômoda alguns porta-retratos que me levantei para ver. Em um deles estava Rebeca grávida e eu estava ao seu lado com a mão em sua barriga, no outro porta-retrato estava eu com a Talia no colo, quando ela tinha poucos dias de vida e eu me emocionei ao relembrar aqueles momentos.

Sem que eu pudesse controlar, uma lágrima escorreu por meu rosto e quando a limpei vi um movimento na porta. Lá, encostado ao batente, com os braços cruzados na frente do peito e um olhar carinhoso em meio a um sorriso, estava Ricardo me observando.

— Você ainda sente falta dela? — me perguntou baixo, para que a Talia que estava brincando perto não ouvisse.

— Sim, só que agora não dói mais como antes, apenas a saudade.

— O mesmo para mim. Não dói mais. — Sorri para ele e me virei para a Talia.

— Ei, mocinha, posso brincar também?

— Também quero. — Ricardo se aproximou.

Começamos a brincar de montar castelinho com peças que se encaixavam e perguntei:

— E aí, como está sendo ser pai de menina?

— Olha, estou em uma fase em que vivo em um eterno conto de fadas e arrumar cabelo é algo que me assombra.

Olhei para o rabo de cavalo bagunçado que a Talia tinha em sua cabeça e concordei.

— Tem razão. — Rimos.

— E agora até que estou bom nisso, imagine quando eu era ruim. — Ri alto.

— Bom, devia ser muito ruim.

— Eu queria ter alguém que fizesse trança no meu cabelo, meu pai não sabe fazer a trança da Elsa do filme Frozen e quando ele tentou, depois doeu pra tirar o nó.

Ricardo me lançou uma careta divertida.

— Eu posso fazer se você quiser. Sua mamãe amava quando eu fazia trança no cabelo dela. — Os olhos da menina se acenderam quando mencionei sua mãe.

— Minha mamãe era linda igual a você, madrinha. Meu pai também te acha linda, *né*, pai? — Ricardo que estava com a cabeça baixa montando uma peça, sorriu sem jeito, depois me encarou e disse:

— Sim. — Senti meu rosto quente.

— Papai disse isso ontem, quando saímos da escola, disse que você era linda.

Eu não sabia o que dizer, me sentia sem ar e dei graças a Deus quando Ricardo mudou de assunto:

— O que as duas vão querer para o jantar?

— Pizzaaaa... — Talia gritou.

— Por mim qualquer coisa. Pode ser pizza. — Sorri para a Talia em cumplicidade.

— Pizza então. Vou descer para pedir. — Ricardo saiu do quarto sem me olhar enquanto fiquei brincando com sua filha e sentindo meu corpo em chamas.



Capítulo cinco

Ricardo

Eu estava me sentindo como um adolescente perto da garota que gosta e não estava conseguindo disfarçar isso. A vi se emocionando ao ver as fotos no quarto da Talia e naquele momento quis abraçá-la.

Pensei que fosse me sentir culpado perto dela, como me senti há cinco anos, mas era como se Talita fosse outra pessoa. Talvez por estarmos em outra cidade, outra casa e outra realidade o peso que senti no passado não existia naquele momento e o que existia era o desejo frequente e a vontade insistente de beijá-la desde o momento que a vi entrar na minha casa.

Enquanto eu esperava a Pizza, cheguei à conclusão que talvez pudesse ser diferente, eu respeitava a minha esposa falecida e ia amá-la para sempre,

mas pensando na minha história com Talita, nunca fomos desrespeitosos com Rebeca e depois de anos eu queria me permitir viver sem culpa algo que me fazia bem.

E como me fazia bem... Apenas um dia perto dela eu já me sentia mais vivo.

Fiquei na parte de baixo da casa até a pizza chegar e depois de sair no meio da chuva para atender o entregador e voltar com a pizza quentinha e uma *Coca-Cola* gelada. Coloquei tudo na mesa e subi para chamar as meninas.

Assim que parei na porta do quarto, vi uma cena linda. Talita e Talia brincavam de Barbie e Talita disfarçava a voz para fazer a voz da Barbie Mãe. Quando ela notou que eu as observava, ficou sem graça e eu para que ela não ficasse desconfortável, com um sorriso no rosto entrei no quarto, peguei o boneco Ken e me juntei a elas na brincadeira, falando com a voz disfarçada e mexendo o boneco:

— Queridas, que tal se descêsemos para comer a pizza?

— Eu quero, papai — Talia falou, com uma voz fina e mexendo a boneca que ela segurava, na direção do meu.

— Que bom, filhinha.

— Eu também quero — Talita falou, rindo e também disfarçando a voz, fingindo que a boneca que falava.

— Então vamos, papai e mamãe — Talia mexia a sua bonequinha indicando que ela que falava. — , mas tem que ter um beijo do papai Ken e da mamãe Barbie — Talia falou, apontando para as bonecas.

Eu e Talita nos encaramos e fizemos o que a minha filha pediu, juntando os rostos das bonecas, depois nos olhamos de maneira divertida, sem me segurar olhei para sua boca que tinha um sorriso lindo e senti vontade de beijá-la também. Contudo, cortei o contato visual ou eu perderia a cabeça.

Por um simples beijo de boneca?

Descemos para comer e durante a refeição, conversávamos sobre como era a vida de professora da Talita e eu a contei o motivo da minha mudança, a contei algumas coisas da minha vida de pai e algumas da vida da Talia que ela perdeu pela distância, como por exemplo, com quanto tempo ela deu os primeiros passos, qual palavra falou primeiro e as gracinhas que fez. Eu contava tudo com muito orgulho e me sentia bem em ter sido o pai que a minha pequena precisou.

Quando terminamos de comer, já era mais de nove horas da noite e Talita mencionou sobre ter que ir embora, no mesmo momento Talia fez biquinho e pediu para que ela ficasse para ver um filme.

Talita me encarou e não conseguindo dizer não para a minha filha, acabou decidindo ficar mais um pouco.

Pedi para que Talia subisse, escovasse os dentes e colocasse o pijama, pois eu sabia que assim que o filme começasse, ela logo pegaria no sono. Dengosa, ela pediu a ajuda da sua madrinha e ambas subiram cheias de sorrisos.

Quando desceram, eu já tinha deixado o filme pronto para rodar e assim, nós três nos acomodamos no sofá. Nem dez minutos depois do início do filme, Talia dormiu e com cuidado para não a acordar, a peguei no colo para levá-la ao seu quarto e ela nem se mexeu.

Quando descí as escadas, logo vi Talita de pé, com a bolsa no ombro e pronta para ir embora.

— Uma pena eu não ter conseguido dar tchau para ela — falou.

— Ah, eu sabia que assim que ela deitasse, cairia no sono. Talia passou o dia muito eufórica e feliz por te ter por perto. Foi como se ela tivesse um brinquedo novo.

Talita sorriu e como sempre seu sorriso doce me aquecia o coração e me dava vontade de puxá-la para mim.

— Bom, vou indo.

— Não! — falei, desesperado demais. — Digo... fica mais um pouco e toma um vinho comigo.

Talita pareceu pensar e balançou cabeça em afirmativo, com isso, apontei o sofá para ela, que tirou a bolsa do ombro e sentou-se nele, enquanto eu nos servia.

— Você cuidou dela muito bem — falou, quando me sentei ao seu lado e a entreguei a taça com vinho.

— Tentei dar o meu máximo depois que você nos deixou. — Ela me olhou e não disse nada. — Senti muito sua falta — completei, com a voz mansa.

— Eu também — disse tão baixo, que mais pareceu um sussurro e deu um longo gole no seu vinho.

— Eu estou tão feliz quanto a Talia, em te ter de volta nas nossas vidas.

Talita sorriu e eu continuei a falar:

— Eu pensei muito desde que te vi ontem e... o que eu sentia por você no passado, não sumiu com o tempo. — Ela me olhou séria.

Meu coração estava acelerado e meu corpo estava elétrico. Eu estava decidido a dizê-la que a queria e passei as horas que ela estava ali comigo juntando coragem para esse momento, mas antes que eu pudesse começar a dizer, Talita colocou a taça sobre a mesa de centro e nervosa a vi engolir em seco, se levantar e dizer:

— Preciso ir, Ricardo.

— Não, espera. — A peguei pelo braço e falei de uma vez: — Não acho que devemos viver fugindo ou com a culpa pelo o que sentimos. Sei que você também sente. E se não nos livramos dessa atração que sentimos, mesmo com tanto tempo longe um do outro, não adianta fugirmos mais, porque ela nunca vai sumir vai só aumentar, além de não ser justo com a gente.

Vi que seu olhar parecia pensar em tudo e que ela estava em dúvida, então agindo por impulso, a puxei para mim e a beijei.

Primeiro nossos lábios apenas se encostaram, mas logo a paixão reprimida que sentíamos um pelo outro, começou a tomar conta dos nossos corpos e quando ela abriu a boca para mim, eu a beijei com vontade, deixando as nossas línguas dançarem, se enrolando uma na outra.

Sem pensar muito no que era certo ou errado, eu a peguei em meus braços e a levei de volta para o sofá, onde a deitei e pousei meu corpo sobre o dela, deixando que Talita sentisse minha ereção e visse o quanto eu estava excitado e a querendo.

Ela colocou suas mãos por baixo da minha camiseta e passou suas unhas de leve na minha costela, fazendo com que eu soltasse um gemido involuntário e cheio de tesão. Eu precisava entrar nela, senti-la, explorar cada pedaço do seu corpo como imaginei tantas vezes e se eu não fizesse ficaria louco.

Estava tão excitado que estava a ponto de gozar na calça como um adolescente inexperiente, de tão louco que Talita me deixava.

— Eu sei que pode ser precoce, mas eu preciso tanto de você, me diz sim, Talita, e me deixa matar a vontade que sinto há tantos anos — sussurrei, com a testa encostada a dela.

Ela me olhou por um segundo e como se lutasse uma batalha entre a razão e o desejo, disse com sua voz delicada:

— Sim.

Sem esperar, a ergui em meu colo e com ela em meus braços subi para o meu quarto.

Já lá em cima, Talita tinha mais pressa que eu e não foi algo romântico e delicado, fizemos sexo cheio de tesão e com uma vontade arrasadora. Parecia que tínhamos urgência de viver algo reprimido, que esperamos muito para experimentar e tivéssemos que fazer antes que algo nos separasse de novo.

Tiramos as roupas rapidamente, enquanto nossas mãos passeavam por nossos corpos. A apertei, a lambi e chubei seus mamilos, enquanto nós dois nus andávamos em direção à cama.

A deitei e admirei cada pedacinho do seu corpo que por muitas vezes imaginei como seria e me repreendi por ter esses pensamentos, mas não era o que eu sentia naquele momento, nós dois ali, nus e cheios de tesão e eu só me sentia completo e queria deslizar para dentro dela, no entanto, apesar da minha vontade, eu queria fazer bem feito e antes a daria prazer, para que ela se lembrasse do quanto comigo era perfeito e não fugisse mais.

Desci beijando seu corpo, suguei seus mamilos enquanto juntava seus peitos e a encarava beijando um a um, descí dando beijos e lambidas por sua barriga, até que cheguei ao seu ponto mais sensível e ali passei minha língua lentamente e em círculos, enquanto no mesmo momento, meus dedos entravam e saíam de dentro dela, fazendo com que ela gemesse e me deixasse louco.

Seu gemido era música.

Repeti o movimento, me segurando para não explodir de tesão, até que a vi se tremer e apertar meu rosto com as suas pernas, puxando meu cabelo com as mãos, com o nítido aviso para que eu subisse e a penetrasse.

Rapidamente coloquei o preservativo e a olhando nos olhos para admirar o quanto era linda e o quanto aquilo era real, eu a penetrei e estoquei para dentro dela com força, para que ela sentisse que eu estava ali, que eu a queria e não só naquele momento, eu queria na minha vida. E era real... imaginei muito, mas naquele momento era real e não tinha culpa como quando no início eu pensava nisso.

Quando não mais aguentava, novamente ela gozou e aí permiti me soltar, me perdendo em estocadas intensas e soltando um gemido baixo de prazer, que há tempos eu não sentia e há muito desejava sentir... com ela.



Capítulo seis

Talita

Acordei no domingo e eu tinha um sorriso enorme no meu rosto, que eu não sabia se merecia realmente tê-lo, no entanto, ele estava ali.

Peguei o celular e tinha uma mensagem linda do Ricardo dizendo que eu era mais do que ele merecia e tudo que ele precisava. Sorri como uma boba. Na noite anterior ele insistiu para que eu dormisse em sua casa, mas preferi dormir na minha para não confundir a cabecinha da Talia pela manhã.

Ansiosa para desabafar eu logo liguei para a Marília. Eu precisava contar tudo para ela e quando o fiz, minha amiga ficou tão feliz e gargalhou, dizendo que desde quando eu o descrevi dizendo o quanto ele era um deus, que ela sabia que ia acontecer na primeira oportunidade que tivéssemos.

Marilia sendo muito engraçadinha, disse que faria um jantar em sua casa, para que comemorássemos a perda da minha nova virgindade, já que fazia mais de cinco anos que eu seguia sem homem. Ri da sua audácia e briguei com ela, mas topei o convite. Realmente merecia comemoração.

Durante o dia liguei para Ricardo a fim de falar com a Talia e assim que ela me atendeu, me convidou para voltar lá, mas eu disse que não dava, para não ficar com saudade que nos veríamos na escola na segunda e que passaria muito rápido e ela entendeu.

Ricardo e eu conversamos por mensagens e ele fazia questão de me dizer coisas bonitas e até fazia planos para o futuro, como se ficar comigo fosse algo que ele realmente quisesse.

Pensei que foi tudo muito rápido e em dois dias do nosso reencontro, já estávamos ali fazendo planos para o futuro, no entanto, pensei que tínhamos perdido tempo demais e naquele momento, em outra cidade e com tudo diferente, decidi ouvir tudo que tanto ele quanto Marilia tinham me dito e com isso, foquei que não podíamos lutar contra o que sentíamos e eu acreditava em um futuro com ele.

Quando a noite chegou fui jantar com a Marilia e assim que ela abriu a porta do seu apartamento, tomei um susto quando encontrei lá a Talia e o Ricardo, sentados em seu sofá. Vendo minha cara de surpresa, minha amiga falou:

— Eu também tenho o direito de conhecer a filha de uma das minhas melhores amigas. — Sorri e entrei me juntando a eles.

O jantar foi ótimo e assim como eu, Marilia se apaixonou por Talia, que falante contou o quanto tinha gostado de brincar comigo no dia anterior.

Certo momento, Talia disse que queria ir ao banheiro e quando o Ricardo foi se levantar para ir com ela, a menina disse que queria que eu a levasse. Me senti querida por ela desejar que eu a fizesse companhia em tudo e sorrindo, o garanti que estava tudo bem.

Enquanto esperava a Talia usar o banheiro, mesmo com Ricardo e Marilia falando baixo, do corredor onde eu estava pude ouvir um pouco da conversa dos dois:

— Quais as suas intenções com a minha amiga? — Marilia perguntou direta e eu sorri para a pergunta intimidadora da minha amiga.

Ricardo não sabia que eu já tinha contado tudo sobre nós para a Marilia e o quanto ela apoiava que ficássemos juntos, então sorri, imaginando que ele estivesse sem graça para contar a ela que tinha intenção de um futuro

comigo, do mesmo modo que me disse nas mensagens durante o dia.

Lembrei-me o quanto ele fez questão de me dizer que criaríamos a Talia juntos, que nunca mais ficaríamos longe um do outro e por mais que não tivesse dito com todas as letras, deu a entender que estava apaixonado por mim e meio que estávamos namorando.

— Bom, nós somos só amigos. — Meu peito se apertou com sua resposta.

— Amigos? — ouvi Marília perguntar com a voz alta, tão admirada quanto eu.

— Precisamos resolver algumas coisas... Sabe, ela era amiga da Rebeca... O que você pensa sobre isso? — perguntou, meio gaguejando.

Ele passou o dia falando comigo sobre futuro, além de falar sobre a culpa que não devíamos carregar e na primeira pergunta da Marília ele responde indo de contramão a tudo que me disse.

Senti-me quente e um caroço se formou na minha garganta, o sorriso que eu tinha no meu rosto, desde a noite anterior, sumiu. Sua resposta fez com que eu me sentisse uma boba, solitária e apaixonada. Eu estava achando que era namoro quando, na verdade, para o Ricardo a nossa noite foi apenas para matar o seu tesão reprimido pelo tempo.

Ele mentiu sobre tudo?

— Pronto, madrinha.

Ajudei Talia no banheiro e quando voltamos para a sala, eu não consegui o encarar, então inventei uma desculpa qualquer sobre uma enxaqueca repentina e disse que precisava ir.

Mesmo sem olhá-lo de frente, eu notava seus olhos em mim e sabia que me encarava desconfiado e sério, assim como Marília.

Dei um beijo e um abraço na Talia e a garanti que nos veríamos no dia seguinte na escola, depois um beijo em Marília e um aceno sem emoção para o Ricardo. Com isso, fui embora.



Capítulo sete

Ricardo

Inicialmente eu não entendi a saída repentina da Talita da casa da Marília, mas quando ela saiu, Marília me olhou com os olhos em chamas e sussurrando, para que Talia não ouvisse, me xingou e aí eu entendi tudo. Ela deve ter ouvido minha resposta cretina.

Achei que Marília não soubesse sobre a atração que Talita e eu tínhamos um pelo o outro, que na verdade não era só atração e sim um sentimento, por isso mencionei a Rebeca, na intenção de saber se Marília tinha algo contra Talita e eu nos relacionarmos, já que foi amiga das duas. No entanto, descobri que no início, quando Talita se mudou ela entendia a culpa, mas que naquele momento ela também achava que devíamos ficar juntos e

que o destino também queria assim, já que nos uniu novamente sem que planejássemos.

Quando soube de tudo me senti um idiota e pensei que Talita devia estar me achando um mentiroso, com isso, me despedi de Marília e quando cheguei em casa liguei para Talita incansáveis vezes, não sendo atendido em nenhuma, até que ela desligou o celular.

No dia seguinte, tinha reunião de pais e ela seria obrigada a falar comigo, então depois de passar a noite em claro pensando na minha vida, decidi que faria de tudo para mostrar a Talita que eu a queria sim para sempre comigo e éramos muito mais que amigos.

Cheguei à escola e me dirigi à sala da Talia, que tinha tido aula mais cedo e durante a reunião ficou brincando na brinquedoteca da escola. Assim que Talita me viu, me disse um bom dia sem sentimento e sem me olhar nos olhos e me indicou onde sentar, depois voltou a olhar para os papéis, como se eu não tivesse nenhuma importância para ela.

Eu não tirava meus olhos dela e quanto mais a olhava, mais via que ela era linda e que eu a queria.

A reunião começou e Talita não me olhou em nenhum momento, eu queria sentir seu olhar em mim, queria que ela visse que a minha atenção era toda dela, mas nem uma vez sequer ela me olhou.

Os recados eram todos sobre a turma, sobre o recesso escolar que começaria no final daquela semana e sobre o presente de dia dos pais e a apresentação das crianças que teria logo no retorno das aulas.

No final da reunião eu deixei que todos os pais tirassem as suas dúvidas e saíssem antes de mim, para que quando eu fosse falar com ela estivéssemos a sós. Eu sabia que Talita estava no seu trabalho e não era o melhor lugar para conversarmos, mas eu precisava dizer para ela que éramos muitos mais que amigos e eu só tinha dito aquilo para preservá-la, por achar que Marília não sabia de tudo.

— Pode assinar aqui, por favor. Na frente do nome da Talia. — Ainda sem me olhar, Talita deixou uma folha e uma caneta sobre a mesa, quando viu que me aproximei.

— Me desculpa? — perguntei e enfim ela me olhou. — Eu não sabia que Marília sabia de tudo e preferi manter em um campo seguro... para te preservar.

— Tem certeza que foi isso? Porque todas as dúvidas e medos que eu tinha no passado voltaram a me assombrar.

Peguei sua mão e ela fechou os olhos.

— Eu tenho certeza que é você que eu quero.

— Você me quer ou quer apenas suprir o tesão reprimido por anos?

— Eu quero você inteira para a minha vida e para a vida da Talia.

Quando você está por perto ilumina nossa vida.

— Agora que a Talia entende e me ama, não me afastarei da vida dela de novo.

— E quanto a mim? — Engoli para dizer que eu também a amava, mas eu nem sabia o que eu sentia e se era amor, paixão ou realmente apenas atração, porém, eu sabia que era algo a mais que apenas carnal e que eu queria para sempre.

— Preciso de um tempo.

— Talita...

— Não faz nem uma semana que nos reencontramos e foi tudo rápido demais. Só preciso de um tempo.

— Pergunte para a Marília, eu disse para ela o quanto eu te quero.

Talita não respondeu e notando que ela não diria mais nada, falei:

— Tudo bem — não era o que eu queria e com o coração apertado continuei a falar: — Só não foge de novo, vou estar te esperando.

Saí da sala e mesmo contrariado e a querendo a cada segundo, dei o tempo e o espaço que ela precisava.



Capítulo oito

Talita

Depois que conversei com Marília ela me contou tudo sobre a conversa que eles tiveram depois que saí e ela era totalmente a favor de Ricardo, mas eu preferi realmente seguir com o tempo que pedi, para que com ele percebêssemos se era realmente o que queríamos.

Depois do nosso sexo, pensei que ia me sentir culpada pela Rebeca, mas em nem um momento me senti assim, muito pelo contrário, eu tinha tido sonhos com ela, em que minha amiga estava serena e sorria feliz para mim.

Passei todo o recesso do meio do ano entre sozinha e acompanhada da Talia que passou alguns dias comigo. Ela insistia que eu tinha que ser mais amiga do seu pai, a pobrezinha não entendia por que quase não nos

falávamos e quando eu lia para ela os livros que eu mesma havia te presenteado, Talia dizia que seu pai ia amar me ouvir lendo e eu sorria do seu jeitinho de tentar nos juntar.

Eu conversava com o Ricardo apenas o essencial quando ele a trazia e a buscava em minha casa, no entanto, era inevitável controlar meu coração todas as vezes que eu o via e controlar o meu corpo que tinha a memória de como Ricardo havia o tocado e queria mais sempre que eu admirava o quanto ele era lindo.

No retorno das aulas ensaiei as crianças para a apresentação de dia dos pais e a música era a coisa mais linda. Eu amava todas as apresentações.

Eu via Ricardo todos os dias na entrega e na busca da Talia e todas as vezes meu coração acelerava. Na última semana ele tinha me enviado algumas mensagens com trechos de poemas e uma delas dizia:

“Lutar pelo amor é bom, mas alcançá-lo sem luta é melhor.”

William Shakespeare

Pensei e repensei na palavra amor e decidi que talvez eu estivesse mesmo perdendo tempo lutando contra algo que eu queria. Com isso, resolvi que no dia da homenagem aos pais, depois de quase um mês de distância eu estava cansada de tempo e com saudade e se ele tivesse que desistir de mim já teria feito.

Decidi que se Ricardo ainda me quisesse, eu ia me permitir viver e aceitá-lo, mesmo que isso pudesse quebrar o meu coração no futuro.

No dia da apresentação, os pais foram chegando e se acomodando. Eu estava ansiosa apenas para que um pai chegasse, foi então que vi a figura alta do Ricardo entrando no pequeno auditório da escola, olhando para o papel onde tinham os nomes de todas as apresentações das crianças e meu corpo logo reagiu ao vê-lo. Tão lindo quanto podia ser.

Quando ergueu o olhar, logo o dele se encontrou com o meu como se fosse um ímã e nos encaramos intensamente, até que ele me deu um meneio de cabeça em cumprimento e sentou-se em um dos bancos na frente do palco.

Respirei para controlar meu coração e voltei para a sala onde outra professora arrumava as crianças e certamente eu estava com as bochechas rosadas apenas pelo o que o simples olhar dele podia fazer comigo.

Meus pequenos estavam lindos, vestidos como se usassem um *smoking* preto, um chapéu estilo cartola, no peito levavam uma letra P.

A diretora da escola fez as honras e uma turma após a outra foram se

apresentando até que chegou a vez da minha. Enfileirei os alunos e Talia parou bem em frente ao Ricardo, que tinha um sorriso feliz em seu rosto e toda a sua atenção para a sua pequena.

A música que eles tinham ensaiado, que era “P” de papai do meu coração do Rogério Azeredo, começou a tocar e meus alunos começaram a fazer a coreografia que tínhamos ensaiado ao som da letra que dizia:

*“Eu conheço muitas letras,
mas cantarei hoje uma só.*

*É a letra P,
P de paixão,
P de papai,
do meu coração...”*

Eu só conseguia olhar para a Talia que dançava e fazia tudo tão lindo e com um sorriso radiante no rosto. Ela era uma criança muito feliz. Já em frente, Ricardo fotografava, mandava beijo e mesmo de longe eu conseguia ver o quanto ele amava ser pai e fazer de tudo para que Talia se sentisse especial e amada.

Ele era um pai excelente.

No final da apresentação eu estava ainda mais apaixonada pelo homem, pelo pai e pela pessoa que o Ricardo era.



Capítulo nove

Ricardo

— Meu Deus, filha, que apresentação linda!

— Você gostou, papai?

— Poxa, sim, eu amei muito mesmo. — Ela sorriu feliz com a minha empolgação com sua apresentação e eu realmente estava feliz, pois a cada apresentação, cada passo e cada coisinha que a minha filha fizesse, para mim sempre seria motivo de orgulho, pois eu sou um pai babão.

Quando busquei Talia na sala no final das apresentações, não era a Talita quem estava tomando conta da turma, e com isso fiquei meio decepcionado e não pude vê-la mais uma vez antes de mais um final de semana sem ela.

Quando chegamos ao estacionamento onde eu tinha deixado o meu carro novo, para a minha surpresa, Talita estava encostada a ele e quando a vi Talia saiu correndo ao seu encontro e eu fiquei surpreso ao vê-la ali.

— Oi — cumprimentei quando me aproximei, de maneira contida, pois ainda estávamos agindo formalmente um com o outro.

— Oi — me respondeu, sorrindo, após se livrar do abraço apertado da Talia. — Será que pode me dar uma carona? — perguntou e eu fiquei surpreso.

— Claro. — Ela sorriu e estava diferente das outras vezes que interagimos enquanto dávamos o nosso tempo.

Antes de me acomodar no volante, abri a porta de trás para acomodar Talia no assento de elevação e depois que fechei a porta do carro, vi que Talita me olhava intensamente, como se quisesse dizer algo, então franzi a testa e a perguntei:

— Quer me dizer alguma coisa?

— Sim, quero dizer que estou cansada de tempo, que já perdi tempo demais e que agora quero sim uma carona... Quer carona e companhia para a vida, se ainda estiver de pé a sua oferta e se ainda estiver me esperando eu aceito.

Juntei as sobrancelhas e analisando se eu tinha entendido direito, a perguntei com meu peito em brasa e com muita vontade de agarrá-la:

— Você sabe que a estrada pode ser sinuosa, cheia de curvas, esburacada, posso pegar caminhos errados, porque não sou perfeito, mas sempre chegarei ao destino e a viagem será feliz.

— Demorei a me encontrar e depois de viver perdida, posso te acompanhar por qualquer estrada dessas aí?

Sorri muito feliz.

— O que te fez mudar de ideia?

— Shakespeare e todos os outros poetas que enviaram mensagens no meu celular.

Eu tinha vontade de agarrá-la ali mesmo naquele estacionamento.

— Quero te beijar agora e você não faz ideia do quanto.

— Você terá todo tempo do mundo para isso, antes precisamos contar para ela.

Engoli em seco e dei um beijo em sua bochecha que pegou no canto da sua boca.

— Eu sou louco por você — sussurrei.

— E eu sou apaixonada por você desde sempre.

Tive que usar todo o meu autocontrole para não enfiar a minha língua em sua boca, então apenas abri a porta do carro para ela entrar e eu tinha o sorriso mais largo do mundo.

— Então vamos?

Tão feliz quanto eu Talita entrou no carro e eu dei a volta nele correndo, depois assumi o volante e antes que saíssemos de vez, eu sabia que a minha filha era inteligente demais para ter me visto tão perto da Talita e não estar raciocinando a cena na cabecinha sonhadora dela, então a perguntei:

— Talia, o que você acharia se o papai namorasse a Talita? — Ela arregalou os olhos e depois fez um O com a boca e gritou:

— Eu acharia muito legallll... Vocês são namorados? São? São?

— Não sei. Me diz, Talita, quer namorar comigo?

Talita olhou para a minha filha e perguntou:

— Você acha que devo aceitar namorar com ele, Talia?

A pequena deu de ombros.

— Claro, meu pai é um príncipe.

E com os olhos lacrimejados Talita me respondeu:

— Claro que aceito. — Sem se importar se minha filha estava olhando, impulsivamente coloquei uma mão em cada lado do rosto da Talita e a puxei para um beijo casto, no banco de trás ouvi Talia aplaudindo feliz.

— Para onde vamos, senhoritas? — perguntei quando nos separamos.

— Para a felicidade — Talita respondeu.

— Onde fica isso? — Talia perguntou, inocente e rimos felizes.

Fim...

Bônus



Talia

Era a minha primeira apresentação de balé e eu estava tão nervosa, que as minhas mãos e pernas estavam tremendo, além da minha boca seca e a sensação no meu estômago de que eu ia vomitar, também tinha o coração batendo na garganta e a minha barriga com calafrios que por diversas vezes fui no banheiro, mas era só nervoso.

Meu pai estava sentindo o mesmo que eu e um pouco mais, pois sempre que ele aparecia para me acalmar, ele estava branco igual papel.

Enquanto a ajudante da professora me auxiliava a colocar o meu tutu rosa e arrumava meu cabelo, meu papai e a minha fada madrinha conversavam baixo e pensavam que eu não conseguia ouvir:

— Eu sei que ela está nervosa e eu odeio que ela se sinta assim. Isso faz com que eu queira estar no lugar dela, passar por todo o sentimento ruim e deixar que ela viva apenas os bons e a diversão.

— Ricardo, você não pode fazer isso, tem que deixar a nossa princesa enfrentar as suas batalhas e depois celebrar as vitórias.

— Eu sei, mas... eu sei.

Não olhei em sua direção, para que o papai não soubesse que eu tinha ouvido, mas eu tive vontade de consolá-lo e dizer que estava tudo bem.

Em seguida a professora disse que em breve entraríamos no palco e com isso, meu pai e a madrinha se despediram de mim, me desejaram sorte e disseram para que eu arrasasse.

Até que enfim chegou a hora de eu me apresentar.

Antes de entrarmos no palco, minha professora de balé disse que estava tudo bem e que mesmo que errássemos a coreografia, não tinha problema e era para continuarmos dançando e felizes, porque ainda estávamos na primeira turma do balé e tínhamos muito o que aprender.

Então, mesmo morrendo de medo, lembrei das palavras do papai: “o importante é se divertir” e me preparei para dançar.

Respirei fundo e meu coração estava muito acelerado, me lembrava do dia que aprendi a andar de bicicleta sem rodinha e o todo o medo que senti de cair naquele momento, mas lembrei-me que meu papai estava lá para segurar o banco da bicicleta até o momento em que eu estivesse segura para pedalar sozinha e naquele momento ele estava ali comigo de novo.

Espiei pela cortina ao lado do palco e vi que as poltronas do teatro estavam todas cheias, dava para ouvir a conversa dos pais, e varrendo banco por banco com o olhar, avistei na primeira fila o meu papai e sorri. Ele estava olhando para o panfleto onde estavam escritos os nomes das apresentações e sorriu.

Ao vê-lo ali me senti corajosa e me lembrei de todos os ensaios que ele me levou e de todas as vezes que repetimos os passos em casa. Eu ia conseguir.

— Vamos lá, meninas, é a nossa vez — minha professora falou e eu e minhas amigas fizemos uma fila.

Logo entramos no grande palco, com várias luzes em nossa direção e fomos aplaudidas por muitos pais que estavam orgulhosos.

Naquele momento, por mais que eu quisesse, eu já não conseguia mais controlar o meu coração e a minha vontade era sair correndo dali, das luzes nos meus olhos e daquela multidão me olhando.

E se eu errar os passos? O papai vai ficar decepcionado.

A música *Hakuna Matata* do filme *O Rei Leão* começou a tocar alta... muito alta... muito mais alta que nos ensaios. Vi minhas amiguinhas começarem a fazer os passos, mas eu não conseguia me movimentar, eu queria, mas não conseguia.

Estavam todos me olhando.

Eu estava em pânico.

Não conseguia controlar a respiração.

Comecei a chorar.

Antes que eu pudesse sair correndo, vi meu papai subindo depressa no palco e como ele conhecia a coreografia começou a fazê-la. Pegou na minha

mão e me incentivou a dançar.

Logo a sensação ruim começou a passar.

Eu comecei a rir do meu pai que pulava, girava e fazia os passos que aprendeu comigo nos ensaios e com isso comecei a dançar também.

A plateia e as minhas amigas riam do meu pai e se divertiam comigo.

Durante a dança, eu nem lembrava mais do meu nervosismo e eu estava ainda mais apaixonada pelo meu pai.

No final, fomos aplaudidas de pé, meu pai desceu do palco, se juntou a plateia e bem na minha frente, assobiou e aplaudiu cheio de orgulho, enquanto eu vi nos seus olhinhos muitas lagriminhas surgindo.

Eu amava tanto o meu papai.

E aquele momento, que podia ter sido de tristeza e arrependimento para toda a minha vida, meu pai transformou em um momento feliz e de uma lembrança que ficaria para sempre no meu coração.

Ele era mesmo o melhor pai do mundo.

No carro, quando estávamos indo embora, meu pai me perguntou:

— Filha, ainda quer dançar ou vai desistir?

— Desistir nunca, papai. Você sempre diz que eu não devo desistir do que eu gosto e eu amo dançar, só estava com medo. Agora que eu vi que é divertido e que sei que amo os aplausos, quero dançar para sempre.

Ele e a minha madrinha se olharam entre sorrisos e eu continuei a falar:

— Obrigada, papai, você é o melhor papaizinho do mundo todo e de toda a galáxia. — Ele me olhou sorrindo pelo retrovisor e me soprou um beijo.

Sim, eu amava muito o meu papai.



Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus por me dar a vida e com ela o dom de escrever. Agradeço ao meu marido, que me apoia e me incentiva em todas as loucuras em que me meto e com seu amor está sempre me impulsionando para frente e embarcando em todas essas loucuras e aventuras que a vida nos oferece.

Agradeço a minha filha que me inspira e me ajuda da melhor maneira que pode, com seu amor e sendo meu anjinho com nove aninhos de vida.

Agradeço a minha família e amigos que estão sempre me apoiando, incentivando e nunca me deixam desistir.

Agradeço a todas as amigas virtuais (MINHAS MARIAS) que me incentivam todos os dias, mesmo a distância estão sempre comigo pelas redes sociais, com palavras e carinhos gratuitos.

Agradeço as minhas betas lindas: Ka, Mi, Nanda e Pam que com

paciência são o termômetro quando estou escrevendo e me dizem se estou indo pelo caminho certo.

Agradeço todas as parceiras que indicam, divulgam, compartilham e fazem aquele marketing lindo.

E enfim, e não menos importante, agradeço a todos os leitores que se apaixonaram pela história de Ricardo, Talia e Talita. Que se emocionaram, riram, me amaram e me odiaram a cada capítulo.

Agradeço aos que foram os primeiros a ler e agradeço a você que pode estar lendo esse agradecimento no dia de lançamento ou anos após ele ter sido lançado.

A todos os citados, meu maior e mais sincero muito obrigada!

Obrigada por chegar até aqui. Não se esqueça de deixar a sua avaliação. A sua opinião é muito importante para mim.



Beijos.



Julia Fernandes

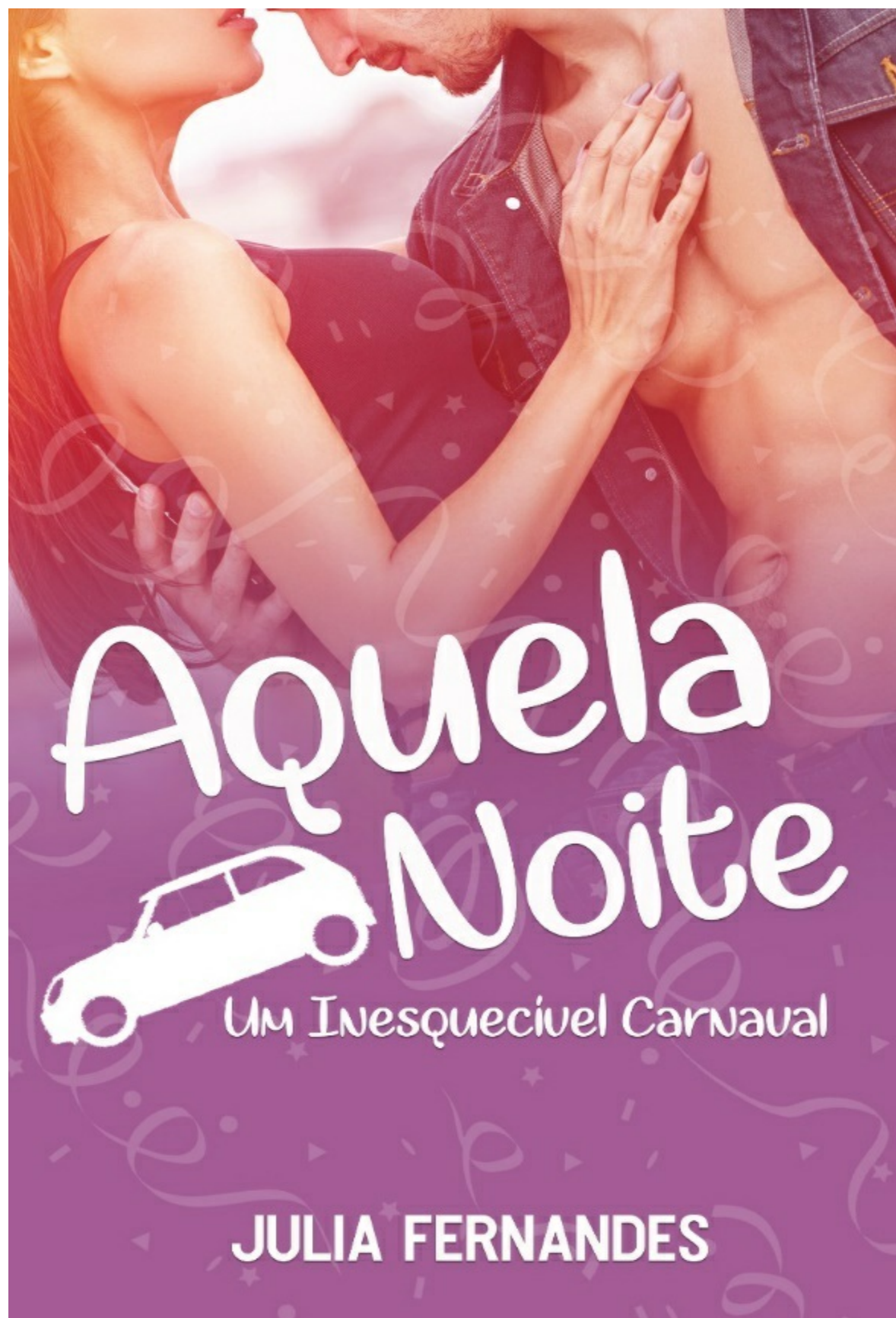
Conheça também:



A Magia do Natal

JULIA FERNANDES

<https://amzn.to/2rSPsuj>



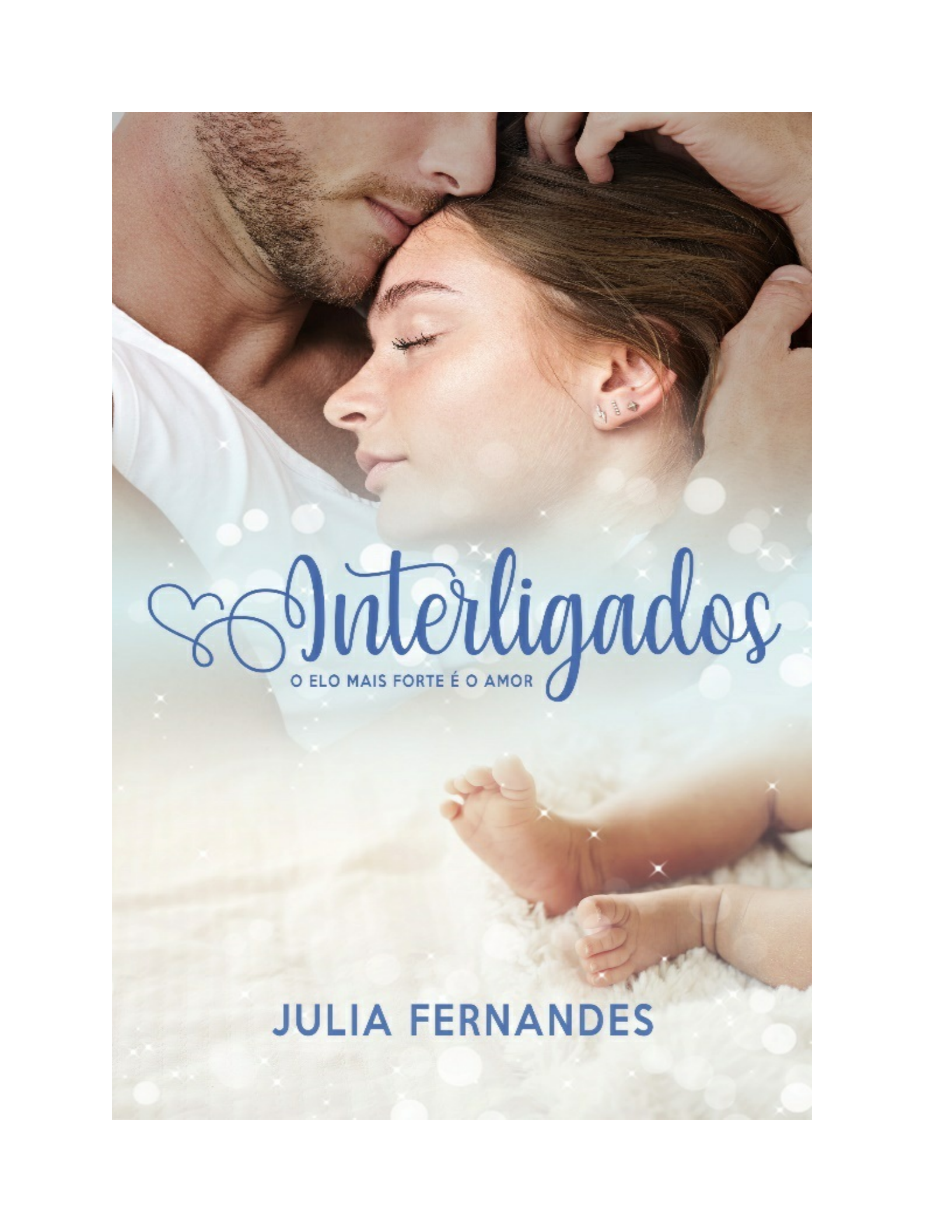
Aquela Noite



Um Inesquecível Carnaval

JULIA FERNANDES

<https://amzn.to/2uNDLmC>

A romantic couple embracing, with a man kissing a woman's forehead. In the foreground, a baby's feet are visible, resting on a soft, white, textured surface. The background is a soft, out-of-focus light blue and white, with bokeh effects and sparkling stars.

Interligados

O ELO MAIS FORTE É O AMOR

JULIA FERNANDES

<https://amzn.to/2WfjvsC>



um
Namorado de
VERDADE

JULIA FERNANDES

<https://amzn.to/3fbChb5>



BOX COM OS 4 LIVROS

Série
Angels

JULIA FERNANDES

<https://amzn.to/2uNDLmC>

JULIA FERNANDES



Um
destino
para dois

<https://amzn.to/2OVhnTT>

JULIA FERNANDES

JOGADA DE MARKETING

PORQUE, ÀS VEZES, PARA ACHAR
A FELICIDADE É PRECISO ESTRATÉGIA



<https://amzn.to/2DmXAGy>



<https://amzn.to/2yaZJBl>

A man in a dark suit, white shirt, and dark tie is shown from the chest up. He is wearing dark sunglasses and holding a mobile phone to his ear with his left hand. He is also wearing a watch on his left wrist. The background is dark and out of focus, suggesting an indoor setting with some architectural elements.

OTHON

UM ROMANCE DE
JULIA FERNANDES

<https://amzn.to/36Z8HlB>



O efeito do Amor

QUANDO O AMOR É O MELHOR REMÉDIO
PARA ALCANÇAR A CURA

JULIA FERNANDES

<https://amzn.to/2vSIFDe>

Contato com a autora:

www.autorajuliafernandes.com

Facebook: Julia Fernandes

Fanpage: Julia Fernandes Autora

Grupo de leitoras no Facebook: Marias Literárias

IG: @juliafernandes_autora

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)